

Aspectos teóricos da observação da relação mãe/bebê – Método Esther Bick

Cláudia Maria Gomes de Freitas¹, Belo Horizonte, Minas Gerais

Resumo: A autora escreve sobre os aspectos teóricos da observação da relação mãe/bebê segundo o Método proposto por Esther Bick. Elege como foco para o trabalho dois pontos relevantes: a importância do método para a formação do psicanalista e para a teoria psicanalítica. Propõe a possibilidade de refletir sobre o panorama atual do Método nas federadas brasileiras sem, no entanto, deter-se nesse assunto. Ao longo do texto, escreve um breve histórico sobre Esther Bick, o momento psicanalítico no qual o método foi criado, as influências teóricas de seus contemporâneos: Melanie Klein, Bion, Winnicott. Aborda o método, suas contribuições para a psicanálise e para o Psicanalista que desenvolve a escuta dos primórdios do desenvolvimento emocional. Relata algumas experiências como observadora. Tem como referência os escritos de Bick e, principalmente, a contribuição dos psicanalistas que escreveram e publicaram livros e artigos sobre a experiência de observação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Analítica; Continência; Estágios Primitivos.

1 Endereço: Rua Américo Macedo, 511, ap. 602, Gutierrez, Belo Horizonte, Minas Gerais – CEP 30441-102. Telefone: (31) 98844-2745. E-mail: claudiaterra@yahoo.com.br. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG). Membro da Comissão da Infância e Adolescência da Febrapsi (2023-2025²)

2 Trabalho apresentado na Mesa 1 – Observação da relação mãe/bebê e sua importância na psicanálise, apresentado no 2º Simpósio de Infância e Adolescência da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi): A Psicanálise na Clínica de 0 a 3 anos, no dia 30 de setembro de 2023.

Introdução

Ao longo de minhas experiências de observação, um sentimento que me acompanhou constantemente foi o encantamento diante da eclosão da vida psíquica de um bebê, que se desenvolve “sob os olhos” do observador e dos do grupo. Para mim, é tão fascinante como assistir o desabrochar de uma flor, instante a instante, graças a um instrumento que permite ver o que não é visível a olho nu. (Lacroix,1997, p. 65).

É com esse sentimento de encantamento que me inspiro para escrever este trabalho sobre a observação da relação mãe/bebê. Apenas quem se dispõe a passar por essa vivência entende a beleza que é apreciar o desenvolvimento psíquico nos seus primórdios e o nascimento das relações iniciais entre a mãe e seu bebê. Graças à genialidade e ousadia de Esther Bick, isso se tornou possível.

Esther Bick, em 1948, cria um método que pode ser considerado uma “inovação conceitual” (Enck, 2011, p. 535), que inclui como objeto de estudo pensamentos, emoções e sentimentos experimentados pelo observador que são considerados um meio para entrar em conexão com o inconsciente da dupla mãe/bebê. Sendo assim, a observação só pode acontecer no aqui agora do encontro, similar a uma sessão de análise. A observação direta de crianças proposta por Bick começou a trazer o bebê à vida; até então a criança psicanalítica era muito abstrata vista através do atendimento de pacientes adultos neuróticos e psicóticos (Pérez-Sanches, 1983, p.12).

Outro aspecto do método de Esther Bick é a revalorização do olhar; ela discorda da ideia de que o olhar pode alterar nosso objeto de estudo e nos mostra um olhar que não aprisiona, mas liberta um funcionamento de vida, é atenção à vida e não ao fenômeno. Bick descobre o olhar emocional, o olhar que toca e desperta a emoção. “Dessa maneira, o olho se transforma em pele...O olhar do observador é, em muitos momentos, braços que acolhem, uma boca que sorri, pernas que acompanham uma criatura que estende a mão.” (Lacroix,1997,p. 57).

Uma peculiaridade de Esther Bick é que sua transmissão foi basicamente oral, seus trabalhos escritos são raros, mesmo assim, tornou-se uma psicanalista com profunda influência na Psicanálise. Ela considerava “[...] a prática da escrita um ato por demais solitário” (Enck, 2011,p.535). Os participantes de seus grupos de observação e seminários tiveram o papel importante de divulgar toda a riqueza e alcance das ideias dela, por meio de relatos e de conversas com Bick.

Essa prática permanece até hoje e podemos encontrar diversos artigos e livros publicados sobre a riqueza da observação. Penso em uma “obra aberta” o legado deixado por Bick. Isso porque, cada um que escreve é inédito naquilo que escreve e se torna coautor de uma obra infinita, cuja linguagem é a do inconsciente.

Ciente que o tema que vou desenvolver é amplo e ultrapassa os limites deste artigo, vou restringir o foco e abordar dois aspectos relevantes, entre outros: a importância do método para a formação do psicanalista e para a teoria psicanalítica. Acrescento o objetivo de colaborar para a reflexão sobre o Método Esther Bick no panorama atual das federadas brasileiras.

Breve histórico

Esther Bick nasceu em 1901, na Polônia, e faleceu em Londres, em 1983. Sua história de vida nos mostra que desde pequena teve contato direto com bebês e crianças. Aos sete anos de idade, foi enviada a Praga para ajudar a tia a cuidar de um bebê. Antes de estudar psicologia, trabalhou em várias creches com crianças; mais tarde, em Viena, realizou observação experimental de pares de crianças gêmeas. Utilizava-se, para esse trabalho, de uma metodologia objetivante de qual Bick discordava. Essa experiência serviu de base para que ela pudesse desenvolver seu método de observação, que leva em conta o contexto subjetivo e emocional, considerando ainda a vivência do observador (Mijolla, 2005, p. 235).

Em 1938, Esther Bick chega a Manchester e começa a trabalhar em uma clínica. Foi analisanda de Michael Balint e supervisionanda de James Strachey e Melanie Klein. Em 1947, chega a Londres e inicia sua formação no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica de Psicanálise, escolhendo Melanie Klein como analista didata.

Cláudia Maria Gomes de Freitas

Desde então, torna-se seguidora e discípula de Klein; seus trabalhos escritos se situam dentro do movimento pós-kleiniano (Mijolla, 2005, p. 235).

Convidada por John Bowlby, em 1948, para dar seminários no curso de Psicoterapia Infantil, na clínica Tavistock, Bick introduz seu método de observação da interação mães/bebês. Ele se mostra eficaz no treinamento dos terapeutas e logo em seguida passa a ser adotado na Sociedade Britânica de Psicanálise como pré-requisito à formação analítica, assim como em outras sociedades psicanalíticas ligadas a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e outros institutos de ensino (Lang, 2022).

Na época que Bick criou seu método, Londres era palco da efervescência do pensamento psicanalítico. Destaca-se desse período Winnicott, Bion e Melanie Klein. (Lacroix, 1997, p. 58) comenta que o movimento psicanalítico é marcado por ideias corajosas, tendo início com Freud. A seguir, pontua a coragem de Klein ao começar o trabalho analítico com crianças; suas ideias enfatizam a importância da técnica, principalmente do *setting*. Klein nos leva diretamente para um lugar que até então era reconstruído na análise dos adultos. Lugar que Freud descreve como “[...] área obscura, cheia de sombras” (Lacroix, 1997, p. 50).

A autora prossegue dizendo sobre a ousadia de Bick e Bion, que nos levaram para a esfera relacional. Bion elaborou uma teoria das relações anteriores ao Édipo, ou seja, existe uma autonomia de pensamento antes da relação edipiana. Há um pensamento a espera de um pensador, ideia que também nos leva a estágios primitivos da mente. Bion abre o campo dos problemas do desenvolvimento do pensamento e seus distúrbios.

Winnicott prepara um terreno propício para a observação da dupla mãe/bebê; ele mesmo já o fazia na sua clínica e nos convidou a entrar nesse lugar desconhecido da dependência absoluta, dos estágios primitivos do desenvolvimento, um mundo de experiências não simbolizadas, “[...] onde a verbalização perde todo e qualquer sentido” (Winnicott, 1968/1988, p. 81).

Esther Bick, além de nos convidar a entrar nesse lugar, indicou-nos uma via de acesso ao primitivo no ser humano e uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento das capacidades do psicanalista, necessárias para entrar em contato com os fenômenos psíquicos do início da vida.

Seu interesse era que os analistas em formação, por meio dessa experiência, pudessem compreender a experiência infantil das crianças; ela pretendia ainda oferecer a oportunidade para entender a vida emocional dos bebês, para que fosse possível o contato com a dimensão bebê da personalidade total do ser humano.

Bick tinha em mente a necessidade de instrumentalizar melhor os psicanalistas para lidar com as intensas ansiedades provocadas pelo trabalho com o emocional primitivo, ou seja, aumentar a capacidade de continência das próprias fantasias, prevenindo atuações (Caron, 2014, p.16).

Como vimos, as ideias de alguns psicanalistas expoentes na psicanálise convergiram para o mesmo ponto: o início da vida mental. Quero destacar aqui Merrell Middlemore, considerada pioneira no trabalho de observação das relações mãe/bebê, porém pouco conhecida (Belmont, 2016). Seu trabalho também nos leva para o mesmo ponto. Em 1941, publica o livro *Mãe e filho na amamentação – uma analista observa a dupla amamentar*.

De acordo com a autora, estudar a amamentação partiu de seu interesse sobre o desenvolvimento da relação mãe/bebê e, sobretudo, dos movimentos do bebê ao amamentar quando está confortável ou desconfortável. O resultado de seu estudo levou a classificar os bebês em quatro tipos: lactentes ativos, lactentes sonolentos, lactentes inefetivos excitáveis e lactentes inertes. Considero uma contribuição importante para entender melhor a amamentação.

O Método Bick

A seguir, apresento um fragmento de uma observação para ilustrar o primeiro momento do Método: a observação.

Caio diz: “Mãe a Laura observa o Filipinho?”

Pai: “A Laura é uma cientista, ela observa bebês e faz hipóteses.”

Cláudia Maria Gomes de Freitas

Mãe: “Você também é bem observador, filho. Quanta coisa a gente aprende observando, né? Quantas hipóteses a gente cria. Laura está estudando bebês. Ela observa o Filipinho desde que ele tinha um mês, até quando ele fizer um ano.”²

É nesse contexto que acontece a observação: o bebê, a mãe e a família. É necessário criar um *setting* para que surja o objeto de observação. O *setting* externo consiste nas normas formais: visitas semanais na casa do bebê, com duração de uma hora, por um período de um ano, podendo estender-se para dois anos (Bick, 1964). O *setting* interno é a mente do analista. De acordo com Alicia Lisondo (2019, p.37), o *setting* condensa uma polissemia de sentidos metapsicológicos, é preciso, portanto, manter a “[...] vivacidade da curiosidade e não a resposta que mata o espírito de indagação”.

Caron (2014) escreve que o observador, assim como o analista na sessão de análise, necessita manter uma escuta baseada na atenção flutuante, não deve fazer anotações, e deve abandonar suas teorias e tão-somente observar. Relembra, nesse sentido, as palavras de Freud (citação em Caron & Lopes, 2014, p.33): “Aprendi a controlar as tendências especulativas e a seguir o conselho, não esquecido, do meu mestre Charcot: olhar as mesmas coisas, repetidas vezes, até que elas comecem a falar por si mesmas.”

No fragmento que abre esta seção, o irmão mais velho do bebê pergunta ao pai sobre Laura, a observadora. Inicia-se um diálogo interessante entre o filho de quatro anos de idade e seus pais a respeito do observar. Qual o papel do observador? Esta é uma pergunta que fazemos quando decidimos nos aventurar nessa caminhada.

Bick pontua que deve ser dada muita atenção à conceituação do papel do observador. Considera importante o observador se sentir suficientemente dentro da família para experimentar o impacto emocional, mas fora o suficiente para não reagir a qualquer papel imposto a ele. Ele seria “[...] um observador privilegiado, participativo e agradecido” (Bick, 1964). Esse entendimento sobre o observar é aprendido, ou melhor, incorporado aos poucos pelo observador. Não é uma tarefa simples, inicialmente bastante desconfortável, por essa razão esse assunto se torna presente por muito tempo nos grupos de observação.

2 Fragmento de uma observação de bebês realizada pelo 2º Grupo da SBPMG, coordenado por Rosa Sender Lang, Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), de 2012 a 2013.

Kossmann e Lang (1997, p.450) referindo-se à fala de Bick anterior, pontuam que esse lugar do observador da relação mãe/bebê é também do psicanalista com seu paciente: “[...] não pode ser nem próximo demais, nem distante demais”. Nesse ínterim, vem-me à mente a música composta por Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown (2006) *Infinito particular*:

Olha minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular

Penso que a música emerge como um modo de tornar a escrita teórica menos árida e traz uma apreensão afetiva da teoria. Aqui, ela ilustra a complexidade do lugar do observador ao entrar na intimidade da dupla mãe/bebê. As portas estão abertas, pode aproximar e beber dessa água potável sem medo, mas fica um alerta: “[...] só não se perca ao entrar no meu infinito particular”.

O método foi desenvolvido a partir do método clínico psicanalítico e usa princípios técnicos psicanalíticos: atenção flutuante, transferência e contratransferência. Alicia Lisondo 2019, p.44 menciona o enunciado de Ogden de que, apesar de não haver na observação mãe/bebê interpretações verbais, o observador realiza atos interpretativos.

O observador precisa ter uma mente capaz de tolerar o desconhecido e o não saber, permanecer na falta de sentido até que ele surja. “[...] observar um bebê significa deixar-se impregnar por uma realidade sensível – sons, cores, atmosferas emocionais – que entram em ressonância com esses mesmos aspectos do observador” (Menegotto, Menezes, Caron & Lopes, 2006, p. 80).

Cláudia Maria Gomes de Freitas

O observador, de acordo com as autoras, desenvolve a capacidade de sentir antes de teorizar e de tolerar acompanhar as mães no cuidado com seu bebê, encontrando suas próprias soluções. Conseqüentemente, aprende a deixar a mente aberta, sem ideias preconcebidas para, enfim, perceber a singularidade de cada relação mãe/bebê.

De acordo com Caron e Lopes (2014, p. 19), um dos maiores desafios no momento da observação é a grande mobilização interna vivida pelo observador, estimulada pela experiência viva da dupla mãe/bebê. São sensações, emoções e ansiedades primitivas que o atingem; ele capta as comunicações não verbais da mãe e do bebê, por intermédio de seu corpo e sua mente via identificação projetiva.

Escrevem que “[...] a escuta envolve todos os sentidos” (Caron & Lopes, 2014, p. 19). Novamente uma música emerge em minha mente, *A tua presença morena*, composta por Caetano Veloso em 1975. Sinto que não é por acaso, a letra da canção coloca em palavras a vivência de quem, movido pela paixão, deixa-se impregnar pela presença do outro.

A tua presença
Entra pelos sete buracos da minha cabeça
A tua presença
Pelos olhos, boca, narinas e orelhas
A tua presença
Paralisa meu momento em que tudo começa
A tua presença
Desintegra e atualiza a minha presença
A tua presença
Envolve meu tronco, meus braços e minhas pernas
A tua presença
É branca, verde, vermelha, azul e amarela
A tua presença....

Podemos pensar que algo similar acontece com o psicanalista quando observa a dupla mãe/bebê? Afinal, no campo observacional, a comunicação é a não verbal, e essa música nos conduz à experiência estética de se tornar receptor de sensações primitivas da dupla e de si mesmo.

França (2019, p. 171) nos lembra que a vivência de observar é uma experiência emocional transformadora da identidade analítica e um importante elemento no desenvolvimento das funções de um analista. Além disso, propicia e promove modificações mentais na dupla mãe/bebê em relação aos seus aspectos mais primitivos.

O segundo momento do Método é o relato escrito. Sobre isso, Bick (1964) menciona que a observação de bebês é um treinamento para coleta científica de dados e reflexões. No entanto, compreende que é difícil colher dados livres de interpretação. “Estes fatos devem ser descritos em linguagem escrita e coloquial, e nós achamos que todas as palavras são carregadas com uma penumbra de significados” (Bick, 1964). Conclui dizendo que observar, pensar são sempre inseparáveis.

O observador, logo após a observação, faz um relato escrito, o mais detalhado possível do que foi observado naquele momento. É orientado ainda a escrever seus pensamentos, sentimentos e fantasias que surgem no transcorrer da observação. Escrever a vivência é um desafio, nos lembra Lisondo (2009, p.41), um antídoto para a possível contaminação da mente pelas fortes emoções vivenciadas.

Lisondo (2009, p. 41) considera que o observador encontra na escrita a possibilidade de ordenar e dar inteligibilidade à experiência da observação de bebês. No entanto, a mente do observador pode ser invadida pelas turbulências do campo observacional, ocasionando dificuldades de metabolizar, transformar em pictogramas, nomear para si próprio, sonhar e, mais tarde, escrever o experimentado. Esta é uma ótima oportunidade para o observador, por meio de sua análise pessoal, entrar em contato com áreas desconhecidas de sua mente.

O terceiro momento do Método Bick é o grupo de supervisão. A partir da minha experiência pessoal, considero que, desde a decisão de participar da observação de bebês, ficamos diante de um desconhecido, o que provoca em nós dúvidas, medos, sensações que são compartilhadas com o grupo. O grupo, do mesmo modo, é um desconhecido, e a intimidade é tecida aos poucos. A atitude acolhedora e sensível do coordenador é fundamental nesse momento inicial, ele se torna um parceiro para compreender a vivência grupal.

Os encontros do grupo são semanais e têm como principal objetivo ser continente para as angústias primitivas despertadas no observador; pode ser considerado como um terceiro que facilita o trabalho de elaboração psíquica.

Por meio dele, as impressões sensoriais, as vivências, as recordações são tecidas, possibilitando o nascimento de novas imagens, resultantes da *rêverie*³ do observador e a do grupo. O grupo torna-se um interlocutor privilegiado e, aos poucos, o observador interioriza a função *rêverie* grupal (Sandri, 1997, p. 65).

Ao final de cada encontro do grupo, um participante redige um relatório contendo falas, comentários e as diferentes visões que surgem. Sandri (1997, p.63) considera que é muito mais do que um relatório; para ela, é algo novo, criado a partir de elementos dispersos, similar ao que Bion chama de “[...] interação dinâmica entre posições esquizoparanoide e depressiva – PSD”. É uma síntese que não é encerramento ou conclusão, mas que deve predominar a abertura para a mudança.

O método Bick proporciona que o observador passe por todo um processo: a escuta atenta e aberta dos sinais não verbais do vínculo mãe/bebê, por meio de suas próprias sensações; a escrita detalhada da observação; e as discussões no grupo que, por fim, criam a oportunidade de entender e reconhecer melhor, na clínica, essa área da mente que contém um mundo de experiências não simbolizadas.

Considero importante destacar o quão importante Esther Bick se tornou para a psicanálise. Ao desenvolver conceitos importantes para a teoria psicanalítica, ela aprofundou e ampliou o entendimento das primeiras sensações corporais e suas repercussões na mente, baseando-se no psiquismo primitivo descrito por Klein. Desenvolveu os conceitos de pele psíquica, segunda pele e identidade adesiva, que tratam dos processos mentais muito iniciais em funcionamento na mente primitiva.

Ela nos mostra que a formação da pele psíquica se dá quando o bebê introjeta um objeto externo sentido como capaz de exercer a função de continência, ou seja, a função de manter unidas as partes não integradas da personalidade ainda não diferenciadas do corpo. Isto é possível por meio do *handling*⁴ materno.

3 É o estado da mente para receber quaisquer “objetos” do objeto amado, capaz de receber as identificações projetivas da criança boas ou más. *Rêverie* é um fator da função-alfa da mãe.

4 É a maneira pela qual a mãe assegura no dia a dia os cuidados físicos de seu bebê, permitindo que ele aprenda a conhecer seu corpo. Esses cuidados sensíveis, dão-lhe o sentimento de seu próprio corpo. “A psique toma posse de seu próprio corpo” (Winnicott, 1970, p. 858).

A pele psíquica contém as ansiedades arcaicas e delimita um espaço mental interno e externo, preparando a mente para os mecanismos de *splitting*⁵, projeção e introjeção, para as posições esquizoparanoide e depressiva de Klein (Enck, 2011).

Caso essa pele de contenção falhar em manter unidas as partes do *self*, o bebê aciona uma das três defesas primárias: a muscular, os movimentos incessantes e o agarramento a qualquer modalidade sensorial, como uma ventosa. Uma segunda pele é construída como defesa contra a experiência catastrófica de um “vazamento da continência” e de uma vivência de “derramamento”(Enck, 2011).

Bick descreveu a “identidade adesiva” como modo de defesa. Posteriormente, Meltzer (Enck, 2011) ampliou seu conceito e deu o nome de “identificação adesiva”, que é o estado no qual o bebê se adere à superfície do objeto na busca de uma segurança para evitar elevados graus de ansiedade, provenientes do temor de uma ruptura catastrófica da unidade corpo-self. Seria uma maneira de “colar-se” e pode aparecer nas modalidades sensoriais: agarrar-se a um som ou tocar uma superfície para se manter aderido como uma ventosa. Para Bick, é uma aprendizagem por mimetismo, característica de uma etapa de desenvolvimento anterior à aquisição de um espaço mental, antecede a identificação projetiva (Enck, 2011).

Esther Bick ainda serviu de referência para que Anzieu formulasse os conceitos sobre ego-pele. Bick nos alerta que o inconsciente é uma área vasta que ainda tem que ser explorada pela psicanálise. Seu método abre espaço para novas descobertas que podem acontecer a cada observação de cada dupla mãe/bebê (Enck, 2011).

Outras aplicações do método foram se revelando como uma ótima ferramenta para o tratamento precoce, para aprendizagem sobre coleta de dados e para a formação do pensamento científico. A postura empática e não intrusiva do observador permite que ele ofereça um modelo de identificação, assim, a mãe desenvolve a capacidade de observar e pensar. Muitas mães passam a olhar os seus bebês de um jeito diferente, reconhecendo a existência de um mundo psíquico vivo, cheio de sensações e ávido para ser entendido.

Ao longo deste trabalho, o objetivo principal do método para Esther Bick de treinar o observador para o trabalho analítico e ajudar na construção de sua identidade analítica foi se consolidando cada vez mais.

5 Ou cisão, é um mecanismo de defesa primitivo conceituado por Melanie Klein. O ego arcaico cinde o objeto e a relação com ele o que implica cisão do próprio ego, que se torna fragmentado e em pedaços.

Cláudia Maria Gomes de Freitas

O reconhecimento da proposição de Bick pode ser vista na escrita dos autores que citei neste trabalho. Sua eficácia, mais do que teórica, é sentida por todos que passam pela experiência de observar a relação mãe/bebê.

Reforço a ideia de que a vivência da observação contribui para desenvolver a capacidade de continência emocional, o desenvolvimento de uma escuta mais apurada dos fenômenos psíquicos mais primitivos e uma maior capacidade de compreensão da linguagem pré-verbal.

Considerações finais

A escrita deste trabalho acontece simultaneamente ao término da minha experiência de observação da relação mãe/bebê. Considero um privilégio isto ter ocorrido, pois a vivência está muito viva dentro de mim. Estamos (eu, mãe/bebê/família) no momento da despedida, tocados pelos sentimentos de gratidão, tristeza e satisfação em terminar uma etapa tão rica, prazerosa e importante.

Posso, após a escrita do artigo, avaliar em mim mesma os benefícios da observação: ampliar a escuta dos fenômenos psíquicos mais primitivos, a capacidade de espera para não precipitar em definir padrões e conceitos e a capacidade de continência emocional em um *setting* diferente do consultório. Diante de um bebê e sua mãe, surgem sensações e sentimentos intensos de um tempo remoto de nossas vidas, tudo é atualizado em um “flashback quase instantâneo” durante a observação Belmont (2016).

Um assunto referente à dificuldade de incluir o Método Bick na grade curricular dos institutos foi levantado por vários autores. Isto, penso que vem ao encontro de um dos objetivos deste trabalho mencionado na introdução: o de colaborar para a reflexão sobre o Método Esther Bick no panorama atual das federadas brasileiras. Pérez-Sanches (1983, p.60), pergunta: Por que vários institutos resistem em introduzir a observação de bebês na formação? Por que nas que possuem a observação ela é pouco estimulada? Ele, em um tom de crítica e de alerta, aponta que é nossa responsabilidade transmitir esse conhecimento.

Recentemente, Lisondo(2019, p. 53), diante de um cenário mais atual, enfatiza que a observação de bebês é muito criticada, chegando mesmo a ser desprezada, ficando, conseqüentemente, sem lugar na grade curricular de muitos institutos. Sugere que pode haver resistência dos psicanalistas para não entrar em contato com o infantil em si próprio. Winnicott (1969), citado por Caron e Lopes (2014, p.13), já fazia um alerta sobre as resistências internas do psicanalista e as resistências externas que transformavam a relação mãe/bebê em local sagrado, proibido de explorar. O que mudou em relação a esses questionamentos?

Com a colaboração das colegas da Comissão da Infância e Adolescência da Febrapsi, apresento um panorama atual sobre a observação da interação mãe/bebê – Método Esther Bick – nas 14 federadas pesquisadas: em quatro delas, a observação de bebês é obrigatória para a formação de adultos e para formação da infância e adolescência; em seis, a observação de bebês é obrigatória para a formação de crianças e adolescentes; em duas delas, é opcional; e, em duas, não há. Diante disso, o que podemos pensar?

Encerro o artigo com o intuito de que o assunto possa se abrir para novas ponderações e ideias, gerando desenvolvimento e crescimento do psicanalista e da própria Psicanálise.

Cláudia Maria Gomes de Freitas

Referências

- Antunes, A.; Monte, M. & Brown, C. (2006). Infinito particular [Música]. In M. Monte. Infinito particular. Phonomotor Records. 4min09. Faixa 1.
- Belmont, S. (2016). Cantos do divã: temas de psicanálise contemporânea. Ed. do Autor.
- Bick, E. (1964). Notes on Infant Observation in Psychoanalytical Training (R. S. Lang, trad.). International Journal of Psycho-Analysis, 45, 558-566.
- Bion, W. R. (1962). O aprender da experiência. Zahar.
- Caron, N. A. & Lopes, R. de C. S. (2014). Aprendendo com as mães os bebês sobre a natureza humana e a técnica analítica. Dublinense.
- Enck, E. (2011). Por que Esther Bick. Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, 13(2), 533-542.
- França, N. R. de Á. F. (2019). Intimidade e observação mãe-bebê. In N. R. de Á. F. França. Observação de bebês: método e aplicações (pp. 17-32). Edgard Blucher.
- Hinshelwood, R. D. (1992). Dicionário do pensamento kleiniano (J. O. de A. Abreu, trad.). Artes Médicas.
- Kossmann, S. H. & Lang, R. S. (1997). Reflexões acerca do observar na observação da relação mãe-bebê. Boletim Científico da SPRJ, 18(3), 499-505.
- Lacroix, M. B. (1997). Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações (F. F. Settineri, trad.). Artes Médicas.
- Lang, R. S. (2022). Esther Bick: vida e obra. Revista Mineira de Psicanálise, 5, 89-101.
- Lisondo, A. B. D. de. (2019). A observação psicanalítica. In N. R. de Á. F. França. Observação de bebês: método e aplicações (pp. 33-62). Edgard Blucher.
- Menegotto, L. M. de O.; Menezes, C. C.; Caron, N. A. & Lopes, R. de C. S. (2006). O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. Revista de Psicologia Clínica, 18(2), 77-96.
- Middlemore, M. P. (1974). Mãe e filho na amamentação: uma analista observa a dupla amamentar (M. P. de A. Prado, trad.). Ibrex.

Aspectos teóricos da observação da relação mãe/bebê – Método Esther Bick

Mijolla, A. de. (2005). Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições (Álvaro Cabral, trad.). Imago.

Pérez-Sanchez, M. (1983). Observação de bebês: relações emocionais no primeiro ano de vida (T. Pellegrini, trad.). Paz e Terra.

Veloso, C. (1975). A tua presença morena [Música]. In C. Veloso. Qualquer coisa. Philips Records. 2min05. Faixa 5.

Winnicott, D. W. (1988). Comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In D. W. Winnicott. Os bebês e suas mães (J. L. Camargo, trad